

A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 1—1916

25 de Janeiro

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

PROPRIETARIO

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41-A a E—LISBOA

Toda a correspondencia para
os escriptorios provisorios

R. d'Alcantara, 41, 1.º E.

TELEPHONE 3362

Preço de assignatura: Serie de 25 numeros 500 réis para o continente, ilhas e ultramar. Extrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Acrescem as despesas de cobrança. **Anuncios:** Convencional, sendo permanente, não sendo 30 réis a linha, pagina dividida em 3 columnas.



Sua Magestade El-Rei D. Manuel II

HOMENAGEM DE "A MONARCHIA,"

AO PAIZ

Segundo o "TIMES,, o governo português de 1914, presidido pelo actual sr. Presidente da Republica, propôz, offereceu, ao governo inglez a ida de um corpo expedicionario português para a guerra.

O sr. dr. Alexandre Braga no banquete de S. Carlos disse que a nossa abstenção no medonho conflicto era — um sacrificio.

Programma

sua majestade Affonso Costa, ao ler no parlamento o discurso da corôa, fallou largamente das reformas necessarias na publica administração, sómente se esquecendo de indicar como indispensavel para tudo isso a reforma do regime...

E' ao que vimos: propôr aos nossos concidadãos a reforma do regime.

De facto — e sem malquerença para ninguem, nem para a propria formiga que mais de uma vez nos tem querido inutilisar as costellas, sem, graças a Deus, ter ainda conseguido os seus fins —, a primeira, a mais essencial de todas as reformas, a que não pode sofrer delongas para que a salvação da metropole possa ainda ser um facto, é a reforma do regime.

E note-se que dissemos a salvação da metropole, o que mostra a convicção em que estamos de que as colonias teem a sorte ja determinada...

E' pequeno o programma?

Quem assim o julgar que os faça maiores — e os cumpra!

1916

Anno de pezadelo e de libertação

O anno, que ora começa com tão lindo sol, illuminando terras longiquas devastadas e ensanguentadas das mais ásperas batalhas do órbe, — anno terrivel, immensamente mais terrivel que os seus ancéstros que ha um seculo presidiram á lucta da Europa contra Bonaparte, á tradição contra a Revolução — mesmo com os imprevistos naturaes que da sorte das armas surjam, tem de tal modo marcado no céu o inalteravel destino, que nos não é muito difficil traçar aqui o seu horoscopo...

Que isto de juizos do anno será materia suspeita quando se trate de astrologos ou de bruxos; mas nós, homens de pensamento, de benedictino labor intelectual, marinheiros do galeão da sciencia á busca da Verdade, bossula de Taine na mão, roteiro de Bonald aberto diante dos olhos e a estrella de Deus guiando-nos na cerração dos mares, nós não iremos decerto buenadichar:

Marte será o signo que este anno preside aos destinos da humanidade, como ao passado presidiu Saggiario e ao anterior Libra; mas neste canto europeu, impregnado até á medula de satanismo, revél até contra a sua propria existencia, bestezalizados os homens, renegadas as tradições, desvirtuados os sãos principios, a duzia de loucos ou de demonios que governam o paiz não estão muito dispostos a acolher o mando de Marte, pois que já tomaram Scorpio por seu signo... Quer queiram porém, quer não, Marte será o Deus e o *Imperator*, que se enfeudou anjo tutelar dos povos da terra, arrojando-os uns contra os outros na mais barbara e mais vasta carnificina de que ha memoria, barbara disse, para não dizer humana, pois que de todo esse mar de sangue que já correu e hade correr, de todos esses milhares ou milhões de cadaveres que vão apodrecer no ventre da terra, do triumpho e do revez, da riqueza e da miseria, do po-

derio de uns e da obediencia dos outros é que surgirá o equilibrio geral, a tão almejada paz europeia que a Revolução franceza perturbou com a sua obra infernal, contaminando e desorientando todo o mundo durante mais de um seculo.

Que o factor principal, que arrastou a fraticida pugna as nações da Europa, foi, propalaram ás classes populares os arautos da demagogia e da morte, desde o almirante *interino* Leote aos varios oraculos da politiquice indigena o delirio de conquista e de poderio de um homem ou de um povo, n'um'ancia de calcar a pés todas as energias e liberdades da terra em seu proveito, oiro e ideal, industria e crença.

Claro que nós pômos de banda todas essas arengas comicieiras a soldo de uma bandeira ou corrompidas da *chorça philo-sofica*... e vamos analysar alguns dos véros factores que muita luz nos darão para o juizo do anno...

Poremos tambem de banda o attentado de Seravejo, — para não perturbar o somno a encobertos regicidas portuguezes... alem de que este crime foi a faúla que ateou o incendio europeu, devido á mão de finados da Maçonaria que á viva força quiz impedir que a justiça tomasse conta dos criminosos.

Diz Gustave le Bon, e muito bem o diz, que as grandes revoluções são as dos costumes e do pensamento. Que não é mudando o nome de um governo que se transforma a mentalidade de um povo: derribar as instituições de uma nação não é renovar a sua alma. Ora esta formidavel guerra, desencadiada fosse lá por que pretextos e servida lá por que egoismos, está operando, no fundo, uma grande revolução nos costumes e no pensamento: a eclusão

da verdade contra a mentira: doutrina contra doutrina, dente contra dente. O genio bellico de Marte, foi acompanhando passo a passo a obra creadora ou, antes, renovadora e redemptora dos philosophos: e quando a viu bem divulgada e enraizada nos espiritos dos homens, evolutivo o germen, prompto a fecundar, offereceu-se para seu paladim, poz a sua espada formidavel ao seu serviço. A força armou-se campeão do Direito. Tal como quando o Imperador Romano se converteu ao catolicismo nascente; e assim como os seus exercitos levaram e ergueram a Cruz em todos os continentes do mundo, hoje as legendas que se divisam inscriptas nos estandartes dos povos em lucta, do mundo inteiro a bem dizer em armas, mesmo até no da França *republicana*, é o que exprime esta aspiração universal — Deus e Rei!

*

Faites un Roi, sinon faites la paix... exclamava alarmado o antigo socialista, membro do actual gabinete francez, prevendo o perigo iminente para onde o radicalismo ameaçava arrastar a nacionalidade. *Corrijamo-nos da Democracia, restabeleçamos a Realeza*, dizia na ultima metade do seculo XIX o insuspeito Renan. Este pensamento é a alma-mater da philosophia politica desde o inferno de 93. A ordem contra a desordem, o equilibrio social contra a anarchia, o poder Real, dentro do Estado, contra o despostimo universal maçon. O espirito renovador ou contra-revolucionario evolutiu e tornou-se forte durante o longo captiveiro e as duras provações das patrias, que o poder occulto da treva furibunda do Grande Oriente tentara exterminar com o auxilio do oiro judengo, cosmopolita, e do cosmopolitismo de homens tornados bestas-feras.

Os soes da tradição jorram cada vez mais luz: uma faula immensa levada pelo vento do Destino anda fazendo renascer a fé antiga por esses paizes fóra; começam a pulsar de patriotismo, como jamais, os corações dos homens e dos povos.

Rehabilitados e mais poderosos, erguem-se dos tumulos os Reis que as revoluções difamaram e martyrisaram, e conduzem-se ao Capitolio, em mysticas e fervorosas procissões, os Heroes de olhos reluzentes, jorrando clarões de esperança. Luiz XVI já tem a cabeça sobre os hombros e ergue-se firme no throno flordelizado de Versalhes. Maria-Antonietta, coroada de martyrios e aureolada de belleza divina, tornada Santa, atravessa a França pela mão patriótica de Joanna d'Arc: e por onde Ella passa, ajoelham os povos entoando o *mea-culpa* do arrependimento...

Quem não vê isto? Qual de vós, leitores, não se apercebeu ainda, por experiencia d'esses dois annos de guerra, e dos antecedentes decenios de preparação militar e diplomatica, que um povo sem Rei e sem Deus é o mesmo que um navio sem capitão e sem bussola, perdido nos vagalhões do mar, desconjuntando-se pouco a pouco do mor-

der da ressaca, — *caro data veribus* do immenso oceano... internacional?

Qual de vós, portuguezes que nos lêdes, á vista d'estes annos sáfaros de republica, do descalbro financeiro, da vergonha diplomatica, do completo desprezo com que lá fóra sômos tratados pelos beligerantes, Inglaterra e Allemanha, — haja em vista as graves revelações d'*A Capital!* — como se não fôssemos paiz independente, de autonomia oito vezes secular e bem vinculada na Historia, qual de vós, vendo este presente de ignominia e lançando um olhar ao passado prospero, respeitavel e glorioso do Reino e dos Reis, não lavra em espirito a sentença de morte das republicas e não aceita, logo, por interesse nacional, por honra patria, por necessidade diplomatica e bellica, por tudo que de material e moral constitue a integridade de um Estado, o triumpho inadiavel das Monarchias?

... Que é isto, afinal, o que de mais claro leio no horoscopo do anno: — o triumpho inadiavel das Monarchias. Vença lá quem vencer, Guilherme II ou Jorge V. Mas Monarchias a valer, retomada a corrente pura da doutrina, que a Grande Revolução cortára, e cujos estatutos foraes serão firmados pelo Rei e pelo Canhão. Quer dizer: Reis ungidos de direito divino substituirão os *reis liberaes* e os chefes de Estado a *curtopraso*...

Vamos entrar n'um grande periodo de revivescimento do génio das raças. O Patriotismo, a Fé e a Sciencia serão os lábaros da magnifica cruzada universal. Os povos com o seu Rei, o seu Deus e as sentenças eternas dos Grandes Reveladores, seguirão ovantes, parece, gloriosos e prosperos destinos. Porque o triumpho das Monarchias arrancará de vez as sarças e os cardos que não deixam frutificar em toda a sua plenitude exuberá a seara dos Estados.

O exterminio completo da Maçonaria será o facto culminante da era, — a perfeita libertação dos escravos modernos, a maior conquista da humanidade. D'aqui resulta a morte do livre-pensadeirismo e a reconstituição da Familia. A destruição da hedionda vingança judaica, fomentando a desordem por todo o mundo com o seu oiro, e o restabelecimento da Ordem. A anarchia expulsa pela Lei, o vicio revolucieiro pelo trabalho. O contacto da ferramenta e a contemplação da terra fertil, em duradoura paz, centuplicará o amor da Patria.

Ai das republicas! teem os seus dias contados... e felizes dos povos que souberem amar os Reis.

Deus Super Omnia...

Quem seria...

Que levou d'um joalheiro um collar de perolas e uns brincos de brilhantes para amostra, e que os foi *mostrar* para Paris, bem como a mulher d'um amigo que de cá levou?

E quem foi que pagou o collar e os brincos?

Mortos illustres

Visconde de Tinalhas

e

Antonio d'Azevedo Castello Branco

Dois mortos illustres que Janeiro, ainda em começo, roubou ás hostes monarchicas.

São duas baixas dignas das nossas lagrimas de monarchicos da velha guarda; duas vagas que não são facilmente preenchidas.

O sr. Visconde de Tinalhas, antigo deputado e par do reino era um homem d'uma honestidade digna de registo, e duma fé inquebrantavel no futuro de Portugal sob a égide monarchica.

O sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco, homem de letras e politico eminente, exerceu durante muitos annos larga influencia na vida portugueza. Desde a Camara Municipal de Lisboa á politica externa, desde a região que lhe foi berço, ao total do paiz, tudo ao seu saber, ao seu espirito, á sua bondade e dedicação deve altos e inolvidaveis serviços.

São dois logares que não serão facilmente preenchidos...

A El-Rei e a suas familias os nossos sentidos pesames.

Aviso

Contra o habitualmente estabelecido, este jornal não fará a cobrança adiantada, cobrando só no vencimento da assignatura.

Tambem não será enviado a ninguem que nos não peca o seu envio.

Segundo fór a accellção que tiver, assim será o seu desenvolvimento.

Pedimos, pois, a todos os correligionarios a finesa de fazerem a sua propaganda, a bem da causa que defendemos.

A todos quantos se dignarem coadjuvar-nos, reconhecidamente agradecemos.

"O ESPETRO,"

Os cavalheiros que satisfizeram a assignatura d'aquelle pamphleto receberão gratuitamente este jornal até liquidação do seu credito, ou ser-lhe-ha devolvido caso não queiram coadjuvar este jornal.

“O Povo,”

Não vae muito longe o tempo em que os oradores democraticos pelos comicios pré-gavam as suas doutrinas, impregnadas de rethorica e tão rubras e convincentes que a própria Monarchia se lhe deixára ir nas águas, nem sequer tentando reagir, parecendo até esperar só o momento propicio para lhe entregar o mando...

Dizia-se então entre os mais rasgados gestos que o povo era escravo das oligarchias politicas, que o povo isto, que o povo aquillo...

E quem os ouvia, capitalista, industrial, commerciante, empregado publico ou do commercio, operario ou simples polidor de calçadas, olhando para si julgava-se parte integrante d'esse todo applidado — povo.

Povo, afinal, dizia-se, sem refutação, somos nós todos, como todos, diga-se aqui, sem melindre para ninguem, eram culpados da situação precaria da nação e até — da própria instituição politica.

Emfim a ideia de melhores tempos foi avançando *bras-dessus, bras-dessous*, com D. Republica e chegou a ser uma esperança.

Veio por ahi fóra até ás portas do atrevimento e a velha Monarchia aconchegando-se a um canto, sem levantar a grimpá, deixou crescer a onda, e foi-se preparando *para bem morrer* continuando a definição de *povo* a mesma.

Um dia duas centenas de cidadãos — segundo a afirmação concreta e digna do maior respeito do ex-ministro republicano sr. Dr. João de Menezes — atiraram um encontro ao velho trono e... atiraram-no, *bon gré mal gré*, para... a historia.

Foi um delirio por essa cidade. Officiaes do exercito que ainda na vespera proclamavam o seu amor á instituição monarchica, juizes, advogados, negociantes, industriaes, empregados publicos, etc. passeando pela cidade, de laços bicolores, berrantes, na lapella, *confraternisavam*, mostrando a doida alegria de que se achavam possuidos... por lhes terem ficado intactas a espinha dorsal e os haveres.

Emfim, tudo era *povo*, segundo a definição passada em julgado, tudo era *egualdade* e *fraternidade*, com mais o addicional provisorio de — ordem e trabalho.

Passam-se os primeiros dias apoz a queda da Monarchia, em que cada um mostra os buracos do chapéu, *feitos pelas balas*, que por um tris não lhes furavam a rubra caixa das ideias; em que cada um conta as horas amargas que na refrega passára, e em virtude das quaes ia fazer requerimento para o fraternal e desigual — emprego publico...

E Deus que tão malparadas devia vêr as suas coisas com a realisação do ideal republicano quiz logo ali, sem espalhafato e sem gloria para si, fazer um dos maiores milagres dos tempos modernos — tal foi o de transformar as duas centenas de homens

que se bateram pela republica, em alguns milhares que requereram o nicho publico; não levando, o Divino Senhor, sem duvida por modestia, porque Elle foi sempre e essencialmente modesto, esse milagre até ao ponto de apparecer um resuscitado dos campos de batalha — a fazer o já citado pedido.

São ainda affirmativas do sr. dr. João de Menezes a quatro passos de ter deixado de ser ministro — e Deus nos livre de pôr em duvida a sua palavra...

Mas passada essa azafama momentanea, principiaram os cidadãos deste formidável paiz a perceber que afinal a definição de *povo* não era tal como sempre o comprehendiam — *povo* não eramos nós todos os que trabalhamos n'este ou n'aquelle campo, todos os que damos á nação grande parte do nosso suor solidificado e transformado em moeda corrente...

Advogados, professores, industriaes, commerciantes, capitalistas, etc., etc., não eram *povo*, eram *burguezes*, especie de bacillus social prejudicial e por consequencia prescindível; e assim começou a *Egualdade* a sindirse e a *Fraternidade* a tomar um caracter aggressivo. E' claro que a *Ordem* tomou posições e deu *trabalho* — aos hospitaes...

Mas vejamos: por ventura as classes que constituem os escorraçados da *Egualdade*, serão de facto socialmente inuteis ou prejudiciaes ao desenvolvimento do agora chamado *povo*? Pois o advogado que compulsou toda a legislação e todo um processo para formar um juizo sobre a questão do seu cliente e para ella trabalhou não só durante dias e noites, mas desde criança afim de adquirir material scientifico capaz de um dia o chegar á situação que ora desfructa, vale por ventura menos que o operario que, desde criança tambem, estuda e trabalha para adquirir os meios de subsistencia? Evidentemente não.

O commerciante, o industrial, o capitalista, o proprietario, o empregado, cada um na esphera de acção dos seus conhecimentos, das suas forças, dos seus negocios, vale menos que o operario? Não. Porque então se abriu esta sizão, se atirou o agora chamado *povo* de encontro ao chamado *burguez* creando odios, desalentando, matando a vontade de produzir? Quando por exemplo, os meus poucos operarios deixam as officinas, elles que ao entrar me saúdaram, é ainda de mim que se despedem, e quantas vezes a primeira hora da manhã do dia immediato me vem encontrar a trabalhar?

E se á sombra de tanto trabalho me poder orgulhar de ter juntado alguns vintens, é isso motivo para que a *Egualdade* me ponha fóra do seu gremio, expondo-me ao sarcasmo do que chama o seu *povo*?

Se fosse possivel fazer um inquerito á intensidade e extensão do trabalho das chamadas classes *burguezas*, ver-se-ia que as

decantadas 8 horas de trabalho são para ellas, as mais das vezes, eguaes ou superiores — a dois terços do tempo em que a terra faz a sua rotação...

Porque então estas desavenças e amesquinamento d'uns em favor dos outros, quando da harmonia viria todo o progresso, o bem estar e até a estima externa?!

Armenio Monteiro.

Será verdade?!

Custa-nos a acreditar, ainda que nos fosse contado por pessoa que nos merece credito, o facto que passamos a relatar:

O sr. Affonso Costa tem um filho que no Lyceu Pedro Nunes fez o 1.º, 2.º e 3.º anno, dos lyceus, seguindo depois para a Suissa a concluir os seus estudos.

Volvido agora á patria desejou tirar a carta de engenheiro, mas como não trazia as necessarias cartas de exame o Conselho Escolar do Instituto Superior Technico, *teve duvidas* em o admittir; então o sr. Affonso Costa *garantiu sob sua palavra d'honra* que seu filho tinha taes e taes exames necessarios á matricula, e o conselho com este documento *dernière criation*, resolveu admittir a creatura — já nas cadeiras de especialidades...

Vae sem comentarios por hoje!

A tempo!

Em Maio de 1914, primeira quinzena, realisou-se em Lisboa o *Congresso Nacional das Associações Commerciaes e Industriaes*, e o relatorio dos seus trabalhos foi distribuido em Dezembro de 1915...

O que vale para de certa maneira modificar a má impressão causada pelo atrazo, é a larga reportagem fotografica que encerra.

O sr. Carlos Gomes, soberbamente em pose, sentado á sua secretaria de pau preto, nem, com franqueza, parece elle! Se por baixo não estivesse o nome — não o conheciamos...

Está muito joven.

Remoçou, parabens!

Pois é verdade: aquelle congresso e o seu relatorio andaram muito a tempo...

Até parece o banquete de S. Carlos!

Pois chegava!

O *Mundo* publicou e o *Catorze de Maio*, transcreveu um artigo do sr. José do Valle, em que entre muitas coisas extraordinarias e mirabolantes se leem estas affirmações que são fortemente elucidativas:

«...Revolucionario não é ser malcreado, provocador, insolente, desordeiro. E' ser mais alguma coisa.»

Ainda mais?!

Pois chegava!...

A historia repete-se

A historia, não ha duvida, repete-se! No livro do nosso presado correligionario e amigo Rocha Martins, *Palmella na emigração*, a paginas 113, lê-se este boccadinho de prosa referente a factos que ha 86 annos se passaram, e agora se repetem *ipsis verbis* n'este magnifico torrão á beira mar plantado e a que os fados reservavam periodos tremendos de provação...

«Lisboa arruaceira dizia que ficaria assim sempre e quando passava o bando do Miguel Alcaide, atrevido, petulante, muito mano com certos burguezes e com a nobreza, os liberaes escondiam-se nas escadas, não fosse trabalhar o cacete ou abrir-se o Limoeiro.

A denuncia era uma arma applicada dia a dia. Quem odiava denunciava, quem tinha um inimigo dizia-o liberal, quem cobiçava um emprego accusava o seu possuidor e nas cadeias da capital os carcereiros faziam bons negocios alugando salas aos presos e arranjando provas phantasticas de conjuras para outros irem tomar os seus logares e serem explorados tambem.

Assim ganhou, n'uma quinzena quatro contos duzentos e sessenta e sete mil reis o carcereiro da cadeia da Côrte, Antonio Luiz Parente, e quantia identica o da Cidade, Joaquim Ignacio Fernandes.

Nas provincias uma minoria dominante accusava, e uma maioria submettia-se. O exercito era vigiado pelos civis e o Miguel Alcaide arranjava condemnações a troco de dinheiro.

As sociedades de malfeitores desenvolviam-se á sombra da politica, e desde que se espancara o embaixador inglez e o general Caula, que ainda n'um acinte devia mais tarde ser preso, cousa alguma podia deter essa torrente irriquieta, gananciosa, doida, á solta...

E' perfeita a photographia e só quem não quizer vêr dirá que a historia não se repete.
Absolutismo—republica.
Arcades ambos!

Do elevado espirito moralista do D. Affonso Costa

Diz-se ahí por toda a parte que três portuguezes foram offerecer ao ministerio da guerra francez levarem para os campos da batalha um exercito de 20.000 a 60.000 homens, com tanto que recebessem uma libra em ouro, por cada homem.

Diz-se mais que o Ministro, annojado, mandou expulsar esses homens do territorio francês.

Este escandalo, esta vergonha é necessario que V. Ex.^a mande apural-o e punir quem quer que o praticou, se o praticou.

Esperamos que assim se fará!

O monstruoso incendio

Leandro—O Incendiario

Parece que o dedo inflexivel de um destino cruel de catastrophe em catastrophe, de crime em crime, de angustia em angustia, anda escrevendo com sangue sentenças e inexoraveis maldições sobre este desgraçado paiz, como para escarmento da Cobardia e expiação do Remorso.

Dir-se-ha que no dia em que a Monarchia foi derribada e um bando de energumenos tomou conta da nação, a colera divina cahiu sobre todos nós: abandonou-nos a Santa Padroeira que por nós velava ha oito seculos na guerra e na paz, distinguindos na sua divina graça de *Mater admirabilis* com a sua proteção e com o seu amôr: e em vez d'Elle, da Mãe de Deus, da Estrella dos Nautas, da Mãe da Misericordia, com o novo regimen, cavalgando-lhe o dorso, rasgando-lhe os ilhaes, o monstro negro de Lucifer desceu a terras portuguezas!

Ai d'aquelles que, perante tão lancinantes desditas por que a Patria tem passado, não sintam o coração compungido de dôr e assistam impassiveis á longa e dolorosa agonia á beira do sepulchro! Ai d'aquelles, monarchicos e republicanos, que depois de todo um lustro de hecatombes, de vandalismos, de attentados, de impiedades, de sacrilegios, de infamias, de crimes negregados, de vinganças horrosas, de completo descalabro, de miseria, de ruina, não volte a alma para Deus, não peça perdão dos seus erros, — que todos teem — e não se entrega todo á sua Reabilitação de homens que teem um Passado que os contempla dos tumulos e um Futuro que se prepara para honrar ou amaldiçoar a sua memoria!

*

Não pára nunca este cyclone de desgraça... Agora é a bocca do oceano que nos sorve, logo a lingua do incendio que nos arrebatá, um desvario de um governo que nos enluta, um assassinio que nos ensanguenta as faces, uma fraude ignobil que nos cobre de ignominia. Que de extorsões infames, que latrocinios, que burlas!

Que loucura frenetica de manicomio se tem apossado de governantes e governados! O punhal e o petroleo, a cubiça e o deboxe, a inferneira do mando e o prazer da gloriola, tem lançado uns contra os outros os portuguezes como feras bravas. Os sete peccados mortaes e as sete pragas do Egypto é que guiam os nossos destinos e castigam a nossa inconstancia. As bestas apocalipticas, resfolgando chammás, semeiam a morte, a viuvez, o lucto e a orphandade. E o que não pôde fazer a mão torva de Lucifer ou de — Leandro, o Incendiario — lá estão os

propios elementos contra nós rebellados na furia exterminadora.

Os navios da nossa esquadra começam um a um a ficar sepultos na gôrja dos recifes oceanicos. Não havia memoria de um naufragio de barco de guerra, havia decenios e decenios no tempo da Monarchia! Começou, parece, por alli a vingança do Demonio; de então por diante não pára mais. Voam pelos ares as fabricas de material de guerra, explodem bombas, organisam-se massacres. Pobres victimas innocentes são carbonisadas, mutiladas, decepadas. Como se isto não bastasse, o luto, a epidemia e a fome arrazam populações inteiras. Hordas de famintos escanzelados, como levas de degredados, começam a amezendar-se nos porões dos navios: é o exodo em massa d'este Egypto amaldiçoado. E como se ainda não bastasse nem o naufragio, nem a explosão, nem o luto, nem a epidemia, nem a fome, nem o exilio, começa o assassinato, começa o roubo, começa a pilhagem, a violação, o carcere, o suicidio, o *abyssus abyssus* da condemnação eterna. Governos e individuos não podem furtar-se á condemnação tremenda. Ha que matar, ha que roubar, ha que escravisar o semelhante e o povo, por que assim o manda o Lucifer-Leandro! Era forçoso o massacre de Naulila como o assassinio do tenente Soares, como o fuzilamento do pobre Torquato de Alcabideche... Era forçoso Rodam e Ambaca como a Sociedade Anonyma de Preparação para a guerra. Era forçoso o 14 de maio, como a palhaçada cobarde *das espadas!* Era já o Destino que mandava se roubasse nos fornecimentos ás tropas, *mantimentos e camions*, como que tres portuguezes renegados fôssem expulsos de terras francezas n'um gesto de nojo e de repulsa de um ministerio patriotico e honrado!

Ha ainda quem, fingindo admirar-se do pavoroso incendio que lambeu o Deposito de Fardamentos, não queira pôr o dedo no immortal bandido!

— Foi o Demonio, foi o Leandro, — como lhe queiram chamar!

*

Nenhum dos inqueritos feitos sobre todas as catastrophes e crimes que teem enlutado a nacionalidade, deu até agora resultado proficuo. Desde as negociatas do Opio ao fornecimento dos *Camions*; desde o massacre do Tenente Soares ao assassinio do dr. João de Freitas; desde os roubos dos Paços Reaes ás transquibernias de lesa-patria da troupe escorraçada da França!

Para desnortear a acção da justiça, começam já os jornaes democraticos com in-

queritos particulares, abstracções, palavrório ôcco... A rethorica é um grande meio de ensandecer a policia tola.

Os elementos avançados, incomplexos, são teias de aranha; a historia do addido allemão de Washington, que ahí esteve, dizem, deve ser historia... da caróchinha; essa de tentar insinuar criminalidade aos adversarios do regimen,— adversarios por serem patriotas e não scelerados — é comprehensivel para quem tiver uma ponta de raciocinio.

Não foram elles que «declararam guerra á Allemanha», no Parlamento, e durante longos e longos mezes não enviaram um só soldado aos alliados...

Não foram elles quem fizeram Naulila e que sobre o envio de tropas teem servido de gaudio ao mundo com as desculpas architolas *de não se encontrar*, primeiro, *momento azado*, depois que os movimentos dos homens contrarios á guerra — *o haviam impedido*, agora que a Inglaterra nos deseja *em paz com a Allemanha!* e tudo isto depois de se annunciar que a Gran Bretanha pedira o auxilio do nosso exercito, de começo, e a execução do tratado!

Nós para ahí não mettemos prego nem estopa. Só como patriotas que sômos choramos este opprobrio e o grande crime de fogo-posto, que todos dizem — no Deposito de Fardamentos.

A policia tem a pista segura:— Leandro — O Incendiario!

Memorandum

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. ex-carpinteiro de machado do Arsenal do Exercito, ex-democratico, ex-formiga, e emfim ex-tudo:

Quando vosselencia passa impavido pelo Rocio com seu charuto na bocca, olhando desdenhoso a multidão, quem vae, quem está, quem vem, sente um certo calor, um certo bem estar, como se fôra o sol primaveril rompendo por entre as nuvens carregadas, e visitando estes tristes e despreocupados mortaes que passeiam pela capital da mais frondosa Republica que a historia regista nos seus velhos annaes...

Não lhe ganha o Faustino da Fonseca, o proprio Malva e o tio da dita; não o vence a mais pujante lucilação da cerebração nacional; não o eguala o mais sympathico empresario de circo ou de chapéus chaminés ..

Vosselencia é unico nas letras, como outr'ora no machado; insubstituivel na grandesa como o foi no democratismo, no genio como na formiga: por isso eu lhe dedico este *Memorandum*, desejando-lhe um novo anno de prosperidades, na politica e no physico, no charuto e na prosa.

Mac.



A politica portugueza só pôde observar-se cá de cima, muito do alto, do galinheiro...

O cheiro é pestilencial e mecher-lhe é agravar a situação...

O Senhor e Legítimo Possuidor d'isto tudo, o grande, o impagavel, o unico, não quiz pagar a conta do hospital de S. José, allegando, e bem, que aquillo foi um serviço nacional e os serviços nacionaes quem os paga é a nação...

Tá claro! Se a nação pagou aos medicos que mais a miudo despejaram a arrastadeira, porque não hade pagar o quarto, quando demais a mais para lá foi a cama, a tal cama pedida a grilos como se fôra a Emulsão do... Arriaga?! (Não fica mal fazer reclame á industria nacional!)

Tem razão o illustre calhedralico! A Nação (agora vae com N maiusculo!) que pague e não... reponte!

Ha dois annos s. ex.^a patrão, senhor e amo, foi collectado em 200 milhos de contribuição industrial. Repontou e bem. Quem se atrevia a elevar s. ex.^a acima do vulgar das gentes quando tocava a pagar?!

Não, senhor! S. ex.^a queria equaldade para todos, ainda que fosse equaldade de signal contrario contanto que nos pagues ficasse modestamente em ultimo lugar...

Tinha razão, muita razão!

Nem devia ser collectado, s. ex.^a só presta serviços nacionaes e os serviços nacionaes tem a nação obrigação de os pagar...

Coitado do João de Freitas!

Deus lhe falle na alma e nos perdoe trazel-o agora a esta fétida politica; mas era não ha duvida, muito casmurro! Não houve maneira de comprehender que s. ex.^a é um monumento nacional!... Em carne e osso, em prata, em cobre, em zinco, em pedra ou em barro, s. ex.^a é s. ex.^a e como s. ex.^a concretisa, dignifica, instrue, compõe, enche (e... trasborda) a politica portugueza, a grande, a unica, a inegalavel politica portugueza, nada deve pagar!

Na Pacovinia, uma republica luno-manhosa, tambem ha suas coegas de entrar na guerra e vae d'ahí loca a fazer compras importantes de armamento e outras coisas; mas lá como em toda a parte, ha os compadres. Os compadres são pessoas sempre muito dignas da nossa estima e por consequencia o general (não sabemos bem como lá se diz) pacovinense encarregado d'essas compras contratou com um compadre o fornecimento de certos artilhos no valor de uns duzentos mil pacovínios (que ao par vale um escudo! ..

O compadre cheio de patriotico zelo mas não tendo pacovínios, propoz a um ou dois

bancos a cedencia d'esses illustres varões d'antes nunca conhecidos; o banco tambem, é claro como agua, cheio de patriotico zelo e amor (manifestações proprias de todos os povos), propoz acceitar não o empreslino, mas a transferencia da encomenda, dando como indemnisação ao tal compadre a ninharia de trinta e cinco mil pacovínios...

E' claro que o compadre, indignado, não acceitou... queria manter o fogo sagrado do amor patrio a uma candeia da força de cinquenta mil pacovínios, e, dizia elle, era barato...

Unicos estes senhores pacovínios!

Não ha ninguem em Lisboa que não tenha ouvido os livreiros ambulantes, livreiros quasi exclusivamente de litteratura republicana, apregoando, no Rocio, os mais prespicazes talentos da republica — a dez réis para acabar...

Desde o mais cumprimentador de todos até ao mais jacobino, neo-conservador — para inglez vêr — todos estão a dez réis para acabar...

Deforma que sendo a voz do povo a prophetica voz de Deus, pouco falla para que estejamos litres d'estes sympathicos senhores.

Qual será o seu destino?

Poder-se-lhes-ha gravar desde já a lousa lumular?

Iráo para longes terras, para a China, por exemplo, ensinar direito caholico, bi-nobiano?

Seja como fôr e se a voz do povo continua sendo a voz de Deus, suas excellencias estão em liquidiação...

E' já alguma coisa comquanto não seja tudo...

Está prohibido, abertamente prohibido, não ha a menor duvida! Subiu S. Ex.^a ao poder toda a gente deixou logo de jogar! Não que elle mette tudo n'um chinello...

Mas de facto não se joga? Ora vamos lá a vêr: nós apostamos dobrado contra singelo que s. ex.^a não tem já aquella certeza e que se joga e jogará, ainda que a lei do socialista Sá Pereira chegue a ser, que não será, coisa para que um cidadão tenha que olhar como «espanta elle»...

Quem joga? Joga tudo minha gente até a barca governamental.

Lembra-nos, agora, a proposito, um curioso caso carioca:

Seguiam n'um bond quatro individuos. Dois deram-se ao luxo de apostar que até ao cimo da rua do Ouvidor entrariam mais 8 viajantes, e os outros dois que ao deixar o carro a mesma rua, se apearia um passageiro e só um... Ia o carro a mais do meio da rua e nada de entrarem mais de 7 viajantes, mas eis que apparece o perfeito da policia e entra no carro... Claro que dos

jogadores um perdeu e o outro ganhou! O que ganhou sorridente chega-se ao pé do perfeito e agradece-lhe o ter entrado no carro, pois se não é elle perdía 4 libras deixando de ganhar 4, o que dá um prejuizo de 8... O perfeito encaraca e salta de carro, e logo a seguir salta outro jogador e corre a agradecer a s. ex.^a ter-se apeado trazendo-lhe assim um lucro de duas libras...

Apostamos que s. ex.^a em 1918, vivendo ainda, estará lá pela Suíça, tomando de vez ares estranhos?

Vae feilo?

Mac.

Atenção

Consoante o carinho com que o publico receber este jornal assim elle passará a tri-semanario e a diario.

Vá de piáda!

Baixinho que minguem oiça,
Para que não des o cavaco,
Se a virtude fo-se loiça
lá não tinhas nem um cáco.

Augusto Gil.

O Dr. Alexandre, isto foi sem duvida feito para si! O Gil é um grande pandego, muito pandego mesmo e muito caustico, mas você, dr. não dê o cavaco, não dê!... Isto de virtude é côla secca — não pega nem no Club dos Patos!

Echos & Commentarios

Uma republica carita

Estamos com um deficit apurado de 33.500 contos. No incendio do Deposito de Fardamentos foram se ali uns 3.000. O jogo das notas falsas deu só ao Banco de Portugal, até á ultima semana, um cheque de 600 contos. O ouro, cavallos, cereaes, armas, munições, combustiveis, metaes, tudo são do paiz... Quando um dia se souber as despesas feitas e a fazer na guerra em que não tomamos parte, porque a nossa Alliada, segundo o insuspeito Times, não quer lá os nossos soldados e deseja que Portugal esteja em paz com a Allemanha, quando um dia se souber as despesas assombrosas feitas sob o falso pretexto da guerra, haverá que por as mãos na cabeça...

E os desperdicios, só os desperdicios annuaes, que só por si centuplicam a verba da lista civil da Monarchia, que era o cavallo de batalha das chálras comicieiras?!

Vem a proposito o estranho concurso para a estatua da republica, que deverá substituir um dia... a de S. M. El-Rei o Senhor D. Carlos, na Camara dos Deputados.

O jury não approva nenhuma das *maquettes* e annuncia novo concurso. No entanto paga generosamente a tres dos artistas os trabalhos por elle reputados sem condições de belleza esthetica, imperfeitos, maus... No novo concurso, outros tres, pelo seu femil mamarracho de barro, nova *queijada* receberão. E assim se irá eternizando este immortal concurso, á falta de artistas de merito e de modelos de puro canon hellenico que reproduzam, em estatua, a abstração philosophica da Ideia, — porque esculptor actual que queira modelar uma Republica, principalmente a nossa, e tenha que lhe imprimir, decerto segundo as condições do concurso, — plasticidade, naturalidade, verdade — terá que dar á luz um bicharongo feio, escanzelado e vesgo, — harpia ou monstro, fera humana, aborto...

E o pobre do contribuinte que vá pagando os manipanços. E' boa! Até piños *botecos de barro* tens que pagar, ó povo!

Quem são elles?

Ante-hontem, o Imundo, atira-se, qual rameira desbragada, ao dictador Pimenta de Castro. Ou antes, sob pretexto de atacar o dictador anavallia, rufianamente, como é seu uso, os monarchicos...

Quem é o scriba? — A. I. V. — Não conhecem?

Um dia, estavamos nós no Limoeiro. Um jornalicasno britanico a soldo da republica, foi alli de visita, a fim de architectar mentiras para o jornal londrino, sobre os tratos aos presos. Quem o acompanhava? O senhor A. I. V.!

Um preso nosso camarada, quando os flibusteiros visitavam as dependencias da cadeia com o director, vae sobre o tal A. I. V. que por signal vestia a farpela de cerimonia — calça de galucho e chapéu alto da Feira da Ladra — toca-lhe no hombro, sarcasticamente e, quando s. ex.^a se volta, diz-lhe á queima roupa:

— Se não me engano, eu conheço V. Ex.^a da Ginjinha ou do João do Grão!...

O melhor modelo...

Dizem que os 400\$000 réis pagos aos tres artistas pelas suas *maquettes* da republica, foi para ajuda das despesas feitas com os modelos. Arre que é puxadito... O modelo, em geral, é pago ahí a seis tostões por sessão de uma hora, e uma *maquette* d'aquellas, — e dizendo isto honramos os nossos artistas — não vae alem de tres sessões.

E que modelos melhores para o caso podiam topar, que as benemeritas *cidadôas* que encarnam os ideaes democraticos, deusas e pythonisas da republica de Lisboa? E pousariam de graça. E insuflariam uma rajada de genio á alma inspirada dos artistas!

A Maria Velleda...

A sr.^a Maria Velleda de *peplum* e barrete phrygio, empunhando, n'uma mão, a cornucopia florida, na outra a espada reluzente

da justiça, que incomparavel estatua de republica nos daria.

Aqui fica o alvitre ao governo... e aos artistas.

Récua de bestas!

A récu de bestas, — adversaria da intelligencia e inimiga da letra redonda que o Directorio republicano amarrou á mangedoura em que foi transformado o Parlamento, bestas quadradas e bestas cubicas a que o elogio partidario mutuo deu fóros de gente dá-lhe agora para escoicear a quem não venha a publico dizer que s. s. ex.^{as} não são *bestas* de facto mas altas capacidades, superhomens da intelligencia, astros luminosos da sabedoria.

Ha dias num corredor de S. Bento, o Arthur Ligorio ferrou dois coices, por este motivo, a um jornalista.

Soltam se ás vezes da cabeçada e não ha quem os metta dentro da baia...

Xó macho! Arre besta!

Uma blague... no Martinho

O esculptor Francisco Santos, é, decerto um dos maiores, senão talvez o maior pela concepção e pela technica, da nova geração de artistas. Por isso toda a gente se admirou que a sua estatua fosse posta fóra do concurso.

— Pois v. não sabe a razão? — dizia-me hontem um conhecido *blagueur*, homem de fino espirito.

— A mim pareceu-me a de mais soberbo effeito, com um certo ar magestatico, linhas *rodinescas*...

— Sim. Esse vestiu o modelo de armadura d'aço e viseira cerrada. A viseira era de molas, para ser aberta nos dias de... gala. O Jury gostou realmente da inovação e do partido que d'ahi podia tirar prá suggestão no publico... Pela punjança de formas, soppoz logo quem seria o grande homem occulto sob a cota e o arnez. Mas eis que desce a viseira e recúa indignado: apresenta-se-lhe a veronica de certa madama mui celebre, que outrora pontificou no *Imundo* e prisidiu aos *Makavenkos*.

E por isso mandou o artista ao demonio...

No proximo numero, 2 secções novas, illustradas:

Capitolio
Rocha Tarpeia

Almanack Monarchico para 1916

Preço 100 réis

À VENDA EM

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possuie machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

E muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pessoal que vae a casa
dos clientes

A Monarchia

Rua d'Alcantara, 41

LISBOA

Ex.^{mo} Sr.

Os Redactores

A. Barroca

Lisboa